

## Conclusões e caminhos a serem seguidos

Gostaria de começar esta última parte da tese fazendo um breve relato de algo que vivenciei antes mesmo de escolher o tema deste trabalho. Ainda quando exercia o cargo de editora-assistente no jornal O Globo, trabalhando especificamente com a área de Educação, participei de alguns encontros e palestras no programa “Quem lê jornal sabe mais” (ver mais na introdução desta tese). O pedido era que eu fosse às escolas com as quais o programa trabalhava, em um projeto chamado “O jornal vai à escola”, falasse um pouco sobre o meu trabalho e minha rotina e abrisse um intervalo de tempo para um debate, fosse com professores ou com alunos – o público podia variar de uma instituição para outra. Em um desses colégios, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, onde conversava especificamente com professores, expliquei que o processo de diagramação das páginas de um jornal começava com a inserção dos anúncios publicitários. Quem trabalha em uma redação de um periódico sabe que primeiro são demarcados os anúncios e, a partir do espaço que não é utilizado pela área comercial, os editores dispõem as reportagens, os artigos e outros textos jornalísticos que vão compor a publicação. “Os anúncios, claro, são divididos de acordo com o perfil de cada caderno”, eu disse. “Como assim?”, perguntou uma professora. Abri um jornal daquele dia e peguei um dos suplementos para o qual eu trabalhava, voltado para jovens. Antes de abri-lo, perguntei para ela se imaginava que tipo de anúncio poderia conter aquela publicação. A professora me olhou com aquele jeito de quem havia entendido e disse: “Anúncios de produtos que interessem a jovens, deve ser”. Estavam lá: universidades particulares e uma grande cadeia de fast-food eram os principais anunciantes daquele dia.

Em seguida, contei que, depois de receberem as páginas em branco somente com os anúncios, os editores davam início a uma espécie de jogo de decisões que, na verdade, representam as escolhas daquela empresa de comunicação para os seus leitores: que reportagens merecerão maior destaque, o que ganhará apenas o espaço de uma notinha, quais notícias ganharão as páginas ímpares - mais importante que as pares -, o que ficará no pé da página - que representa um espaço menos nobre -, que reportagens terão foto, quais ficarão em páginas coloridas e assim sucessivamente.

“Quanta coisa. Nunca havia me dado conta disso. Sempre trabalhei com os meus alunos muito mais os textos do que a disposição das notícias ou os anúncios”, disse a mesma professora. “Isso porque eu ainda nem cheguei na edição dos textos, que começa muito antes de eles serem escritos. Mais precisamente, no momento em que a pauta está sendo debatida entre editores e repórteres. Tão importante quanto o texto em si é a escolha daquele assunto e de que forma ele é abordado”, retruquei. Ao final daquela palestra/debate, a mesma professora me puxou em um canto para contar que aquele havia sido um dia de descobertas para ela. O fato me pareceu bastante curioso especialmente pela escolha dessa palavra: descoberta.

Depois de finalizadas a pesquisa de campo e as análises que fiz a partir dos dados sobre o uso de jornais e sites de notícia por parte de futuros professores e as escolas de Ensino Médio Normal em que estudam, retomo a história que acabei de contar porque a primeira conclusão a que chego é que falta a essas instituições pesquisadas descobrir a mídia. Descobrir aqui no sentido não de encontrar ou achar, mas no sentido de desvelar, retirar o véu que encobre seus mecanismos de funcionamento para muitos leitores, mas que não deveria encobrir nem para eles e muito menos para aqueles que trabalham com Educação. Muitas escolas ficam – ou já ficaram – baseadas somente no uso da mídia a partir do “Quem lê jornal sabe mais” ou de muitos outros programas denominados jornal-escola. Não tenho nada contra esses programas, acredito que sejam até bastante necessários, mas eles não encerram as necessidades dos colégios em relação ao uso da mídia.

A Associação Nacional dos Jornais (ANJ) realizou, em 2004, uma pesquisa com 129 empresas jornalísticas, a partir da qual constatou que existiam 48 programas ativos em escolas, a maioria concentrada na Região Sudeste do país. No que indica essa pesquisa, alguns dos objetivos das publicações com esses projetos eram: incentivar a leitura de jornais bem como outras leituras, ensinar ao aluno como é o jornal e como é possível lê-lo de maneira crítica, aproximar a escola das questões do cotidiano, entre outros. Um dos resultados mais favoráveis, no entanto, de acordo com esse mesmo estudo, era a formação de novos leitores daquelas mesmas publicações e um maior conhecimento da comunidade escolar sobre os processos de produção, mas, em contrapartida, esses programas pouco contribuíam, por exemplo,

para a criação de um jornal escolar ou de qualquer outro meio de comunicação gerido e preparado pelos próprios alunos, que poderia torná-los protagonistas de um importante processo de descoberta e conhecimento.

As conclusões a que chego a partir dos dados revelados pelos questionários é que os futuros professores, ainda na fase em que são alunos, possuem, sim, um grande interesse pela mídia, mas sempre enviesados por seus gostos pessoais. Por isso a necessidade, de início, de saber o que leem e, na medida do possível, como leem esses estudantes. Curiosamente, as taxas percentuais daqueles que dizem ler jornal impresso, 72% no total do universo de pesquisados, são maiores que as taxas sobre a leitura de sites de notícia (58%), indicando, ao contrário do que o senso comum aponta, aquele que dá conta de que o jovem hoje só quer saber de internet, que ainda há um espaço para o papel nesse processo. Mais interessante ainda é constatar que o apelo ao jornal impresso não se dá pela falta de acesso à internet, já que a maioria (quase 90%) possui computador ligado à rede em suas próprias casas e afirma navegar com frequência. Os jornais populares, como Meia Hora e Expresso (do Estado do Rio de Janeiro), nesse caso, fazem-se presentes na maior parte das casas desses alunos e são distribuídos entre as famílias e também nos meios de transporte que utilizam, como o trem. Ao mesmo tempo, a internet cumpre um papel importante no momento em que esses jovens estão em busca de uma determinada informação ou notícia, já que é a ela que recorrem, especificamente aos sites de busca como Google. As notícias na web também são lidas quando estão em sites de notícia que fazem parte de programas de compartilhamento de mensagens instantâneas, como o MSN. Em suma, são esses jovens que parecem ter potencialidade para aproveitar o melhor de cada suporte, seja ele o papel ou os meios eletrônicos.

Quando Chartier<sup>27</sup> fala sobre a coexistência, não necessariamente pacífica, entre os meios que hoje ainda existem no mundo, ele explica também que, de certa forma, há prós e contras em qualquer suporte que se escolha. Por exemplo, uma informação fragmentada, acessível através da internet, cria a possibilidade de que se

---

<sup>27</sup> Dados contidos em entrevista concedida ao repórter André Miranda em 20/02/2010, para projeto especial interno do jornal “O Globo”. O resultado final deste trabalho não foi publicado, mas se encontra em anexo.

conheça mais coisas mais rapidamente, algo que o jornal impresso não realiza com tanta propriedade. Ao mesmo tempo, essa velocidade em informar pode ter um efeito contrário, a partir do momento em que se perde a edição do que é mais ou menos importante. A hierarquia que o impresso cria a partir de sua diagramação quase não existe na textualidade eletrônica. Cabe à escola também fazer o papel de mediadora para um público que hoje ainda lê notícias no papel, ao mesmo tempo em que as busca na internet. Que notícias são relevantes? Por que são importantes? O que elas dizem para mim e para quem me cerca? São indagações que as instituições deveriam instigar em seus alunos.

Outros dados importantes que surgiram a partir da aplicação dos questionários dizem respeito a uma possível interação de pais e amigos para fomentar a leitura de jornais e sites de notícia. O número de pesquisados que afirmavam fazer uso desses meios aumentava consideravelmente levando em conta apenas aqueles inseridos em grupos que diziam que seus pais e amigos também liam. Isso indica que não só a escola é instância de mediação nesse processo, mas que é preciso ter atenção a tudo que cerca os jovens nesse processo. Ter um jornal em casa, um pai ou uma mãe que lê, um amigo com quem se divide a notícia talvez faça uma grande diferença no interesse pela mídia. Ao mesmo tempo, são esses jovens que afirmam quase que de maneira unânime (cerca de 92%) que é importante a escola trabalhar com os meios de comunicação, promovendo atividades, debatendo seus conteúdos, tendo essas mídias inseridas em seu dia a dia. Pelo que esses estudantes relatam, as instituições de ensino em que estudam ainda estão muito longe de atingir esse objetivo da forma que deveriam.

Segundo Baccega (1994) é necessário tornar essa discussão mais abrangente. Não é mais uma questão de utilizar ou não os meios de comunicação na escola. Se eles compõem o fazer e o pensar de alunos e professores, esses meios já estão nos colégios. O que fazer, ela se pergunta, para que a escola retire suas máscaras conservadoras e se encontre com a sociedade do presente, ajudando a construir um futuro em que as pessoas sejam mais iguais e tenham seus direitos respeitados? Uma das formas é que se abra espaço, nas instituições de ensino, para que os alunos tomem

conhecimento dos aspectos técnicos que envolvem, por exemplo, a produção de um jornal impresso, de um site de notícias ou de um programa de televisão.

Consideramos fundamental a consciência de que vivemos num mundo editado, em que a parte apresentada, a qual já passou por numerosos filtros, atendendo a variados interesses, nos é apresentada como o todo, num processo metonímico perverso. (Baccega, 1994, p10)

Um outro aspecto relevante desta pesquisa diz respeito às preferências dos alunos pesquisados sobre os assuntos que procuram na mídia. Notícias Locais, Celebidades e Fofocas são mais procurados que temas como Política e Economia. A falta de uma aproximação com esse universo, que, para eles, está direcionado a pessoas de outras idades, ainda que o considerem importante, de certa forma limita a leitura que fazem dos jornais e sites de notícia. O jornalismo segmentado, criado pelos próprios jornais para ordenar suas notícias e cativar um maior número de leitores, também tem sua responsabilidade sobre isso. Com a internet e sua falta de hierarquização da informação e uma possível falta de divisão entre as notícias num futuro não muito distante, como aponta Chartier (2007), talvez esse quadro se reverta.

A falta de conhecimento desses jovens sobre importantes informações acerca da mídia também se revela em questões sobre que diferenças eles percebem na leitura de jornais e de sites de notícia. Quando perguntados sobre o que há de diferente entre ler uma notícia no papel ou ler essa mesma notícia na internet, um número elevado de estudantes diz que, para eles, não há diferença, bem como em relação à televisão, fazendo um contraponto entre a imprensa escrita e a audiovisual. “*É tudo a mesma coisa, a notícia é a mesma*” era a frase recorrente nas respostas dos questionários. Considero o fato preocupante, pois demonstra, mais uma vez, falta de conhecimento sobre os mecanismos de produção de cada um desses meios, inserindo a escola na obrigação de criar processos que desenvolvam esse tipo de olhar crítico sobre os meios. E ainda que conheçam a maneira como são feitos os jornais e os sites de notícia, é importante nos questionarmos por que motivo esses alunos acreditam que ter acesso a uma notícia em um meio eletrônico funciona da mesma forma que em um meio impresso. Será que a internet e a televisão já estão de tal forma enraizadas nos

modos de agir e pensar desses jovens que realmente não lhes faz diferença o suporte? Cabe à escola abrir alguma forma de diálogo sobre isso.

Por fim, ao traçar uma comparação entre as instituições pesquisadas na cidade do Rio de Janeiro e nos municípios próximos, percebo que o fator geográfico não conta muito no que diz respeito ao público. Temos jovens com perfis muito parecidos, um grupo formado por uma maioria esmagadoramente feminina e de cor parda. Muitos desejam fazer vestibular até mesmo para outras carreiras que não estão relacionadas com o magistério, como psicologia e medicina, e parecem ter escolhido o Ensino Médio Normal como forma de ter garantida uma educação pública de qualidade, já que essas escolas ainda obtêm melhores resultados em exames como o Enem do que as instituições estaduais de ensino regular. O acesso que têm aos meios de comunicação fora da escola é também muito parecido, mas, quando tratamos das instituições em si e da maneira pela qual trabalham com as mídias, as diferenças emergem. Nas escolas pesquisadas nos municípios vizinhos à cidade do Rio de Janeiro, acredito que surpreendentemente para muitos, o uso dos sites de notícia e da internet, em geral, é mais presente do que o de jornais impressos. Na Capital do Estado, o contrário acontece. Talvez isso explique também por que alguns alunos da cidade do Rio de Janeiro revelem desconfiança sobre o conteúdo dos sites, ao passo que isso não acontece nos municípios em seu entorno. O percentual de professores das escolas dos demais municípios, fora da cidade do Rio de Janeiro, costumam comentar com seus alunos as notícias que leram em sites em sala de aula, bem mais do que na Capital. Ao mesmo tempo, mais alunos de fora da Capital se consideram por dentro das notícias, em comparação com os do Rio de Janeiro. A facilidade de acesso à internet em suas instituições de ensino e o debate sobre essas mesmas informações com seus professores pode ser um fator que explique isso.

Estamos em um tempo em que as escolas, especialmente aquelas que participaram desta pesquisa, parecem estar em descaixa com o mundo que as cerca. Não sabendo como trabalhar com a mídia, elas optam por não trabalhar de maneira alguma. Para seus alunos, futuros professores de outros estudantes, isso, claro, não parece ser um bom prognóstico.

Educar para as mídias (...) implica a adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para integrar significativamente com suas produções e para produzir mídias também. (Fantin, 2006, p. 31)

Apropriando-me da fala da autora, acredito que mais do que proteger os jovens desses meios que tanto assustam pais e educadores, é preciso também pensar em formas de prepará-los mais eficazmente para as responsabilidades atuais do ser jovem e ser protagonista nos meios em que vive.

\*

\*

\*

Ao final desta tese, gostaria de sugerir outros caminhos que podem ser seguidos, por mim ou por outros pesquisadores, a partir dos dados que obtive com a aplicação dos questionários. Um aspecto que me chamou muita atenção, ao analisar o material, diz respeito à escrita desses futuros professores. Pude observar, nas questões abertas do questionário, uma quantidade expressiva de erros ortográficos na escrita desses jovens, além de textos mal construídos. Uma compilação desse material, analisada juntamente com os dados que já temos desses jovens em relação à mídia, seria a minha sugestão. É possível fazer essa pesquisa também com enfoque somente na escrita, sem a questão dos meios de comunicação.

Outra possibilidade ainda é investigar os dados de apenas uma dessas escolas, em profundidade, uma instituição que utilize a mídia de maneira efetiva, com planejamento, e voltar ao local para conversar com alunos e professores. Um dos colégios de fora da Capital, por exemplo, teve um índice alto de alunos que afirmavam que tinham acesso a jornais dentro de sua escola. Seria interessante ver que tipo de impacto isso tem sobre esses meninos, que diferenças podem ser notadas, na prática, quando se tem o jornal no colégio como um objeto comum, não estranho aos estudantes.

Por último, penso também que um trabalho só sobre as relações entre esses jovens, futuros professores, e revistas poderia chegar a resultados interessantes. É fato que a grande maioria dos estudantes gosta desse tipo de publicação. Uma

possibilidade seria analisar os dados obtidos aqui nesta tese e ainda observar as práticas de leitura dos alunos com revistas na escola, local em que trocam publicações e leem juntos. Na aplicação do questionário na escola Rio1, lembro bem de uma aluna que me pediu de presente a revista que eu carregava na pasta transparente, uma “Superinteressante”, pois era uma de suas publicações preferidas.